

A gramática descritiva como ponto de partida para a compreensão das variações linguísticas

Descriptive grammar as a starting point for understanding linguistic variations

 Priscila Nunes Brazil

 Luana Raissa

 Alice Cristine Araújo Costa Santos

Resumo: O propósito central deste trabalho é analisar a gramática descritiva como fundamento para compreender as diversas manifestações plurais da língua. A pesquisa focaliza a variação linguística como uma expressão cultural e social sistematizada, examinada minuciosamente pela sociolinguística. Os objetivos específicos envolvem a comparação entre a gramática normativa e descritiva, destacando abordagens e definições por meio de exemplos ilustrativos. Além disso, busca demonstrar como o ensino da gramática tradicional nas escolas pode dificultar a aprendizagem linguística dos alunos e investigar, sob uma perspectiva histórica, as transformações na língua portuguesa, considerando influências externas e internas no modo de expressão e fala. Para fundamentar teoricamente, o trabalho destaca renomados linguistas, como Perini (2005; 1997) e Bagno (2002; 2004; 2007; 2009) e demais autores com materiais digitais, abordando a evolução da língua e sua heterogeneidade, re-

Priscila Nunes Brazil. Mestranda em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na área de concentração Estudos Linguísticos.

Luana Raissa. Graduada em Letras-Português (UEPB).

Alice Cristine Araújo Costa Santos. Graduada em Letras-Português (UEPB).

fletindo no comportamento linguístico dos usuários e permitindo-lhes desenvolver uma identidade de fala própria. Assim, o método adotado é qualitativo e bibliográfico. Conclui-se que essa abordagem é crucial para a compreensão da língua, enriquecendo positivamente a linguagem humana, e reconhecendo a diversidade linguística como parte integrante da comunicação.

Palavras-chave: Gramática descritiva. Variação linguística. Língua Portuguesa.

Abstract: The central purpose of this work is to analyze descriptive grammar as a foundation for understanding the various plural manifestations of the language. The research focuses on linguistic variation as a systematic cultural and social expression, meticulously examined by sociolinguistics. Specific objectives involve comparing normative and descriptive grammar, highlighting approaches and definitions through illustrative examples. Additionally, it seeks to demonstrate how traditional grammar teaching in schools can hinder students' linguistic learning and investigate, from a historical perspective, transformations in the Portuguese language, considering external and internal influences on modes of expression and speech. The work theoretically underpins renowned linguists such as Perini (2005; 1997) and Bagno (2002; 2004; 2007; 2009) and other authors with digital materials, addressing language evolution and its heterogeneity, reflecting on users' linguistic behavior and allowing them to develop their own speech identity. Thus, the adopted method is qualitative and bibliographic. It is concluded that this approach is crucial for understanding language, positively enriching human language, and recognizing linguistic diversity as an integral part of communication.

Keywords: Descriptive grammar. Linguistic variation. Language.

Introdução

O papel dos gramáticos consiste em discernir a verdadeira natureza da língua, um objeto de estudo complexo. Ao integrar conceitos da perspectiva normativa e descritiva, conforme proposto pela gramática tradicional, simplifica-se a análise desse objeto intrinsecamente heterogêneo para uma única forma: o uso correto da língua, tanto na fala quanto na escrita. No âmbito educacional, prevalece a abordagem do ensino desse uso, muitas vezes deixando de lado o entendimento mais abrangente da diversidade linguística, que se baseia no estudo mais descritivo e funcional da língua.

No século XIX, a pesquisa linguística passou a reconhecer a língua como um sistema multifacetado, rompendo com a ideia de enquadrá-la em um conjunto de normas. A linguística histórica, ao estudar as transformações linguísticas ao longo do tempo, revelou que algumas mudanças ocorreram devido ao uso oral, transformando o que era considerado errado em certo na época atual.

Ao observar a língua em uso, destacam-se exemplos sociais amplamente aceitos, mas que, pela perspectiva normativa, são considerados incorretos. Essa perspectiva revela que a língua é um objeto plural, em constante evolução, e que o agente dessa evolução ao longo dos séculos é o sujeito da comunicação: nós, sujeitos do discurso.

A visão prescritiva não admite múltiplas formas corretas no uso da língua, ao contrário da abordagem descritiva, que se concentra na gramática dos usos, analisando sistematicamente a língua em um momento específico. A linguística descritiva mostra que a língua, em sua variedade infinita, possui regras gramaticais específicas que divergem do português padrão e da tradição gramatical.

Este trabalho visa analisar como a gramática descritiva é crucial para a compreensão das variações linguísticas da língua portuguesa, partindo do estudo dos usos em diversos contextos, situações e regiões. Propõe uma possível redefinição dos objetivos do ensino de gramática em sala de aula, afastando-se do método tradicional e mecânico do sistema “acabado e pronto” da língua.

A metodologia utilizada é qualitativa e bibliográfica, embasada em obras de linguistas importantes para o estudo da abordagem funcional da língua, considerando uma perspectiva sociolinguística para o estudo das variações linguísticas. Este estudo desafia a visão restrita da língua no ensino, centrada na abordagem prescritiva, e destaca a variação linguística como objeto principal e objetivo de ensino para a compreensão da língua, contribuindo para a transformação do perfil cultural e socioeconômico educacional, combatendo o preconceito linguístico.

Gramática descritiva: fundamentos e princípios

A linguística vem se aperfeiçoando e se desenvolvendo nas últimas décadas, principalmente em terras brasileiras, na qual desde a década de 60 que ocorreu e está ocorrendo uma evolução de estudo da língua enquanto ciência, através de uma perspectiva diacrônica. Logo depois, na nossa época atual praticamente tem-se feito linguística entre cada indivíduo, sociedade ou região. Este fazer linguístico diz respeito ao uso da língua enquanto um sistema com vários subsistemas, os quais compõem primeiramente a aquisição da linguagem, depois as variações e evoluções da língua enquanto sistema mutável.

Durante este processo de mutações e estudos referentes à língua, trazendo este cenário para dentro do âmbito escolar, não é identificado no aprendizado ou nas próprias aulas de língua portuguesa, esta

perspectiva da língua a partir dos usos. Quando é dito sobre o ensino da língua da língua a partir dos usos, é justamente o contrário que é “ensinado” dentro da sala de aula: a percepção do certo ou do errado, tendo como principal alvo a língua como um sistema inerente ao indivíduo, levando em conta as prescrições do falar certo dentro das regras gramaticais, e o escrever corretamente, e se caso fugir da regra, não está falando português corretamente.

Isto torna o ensino de gramática e compreensão da língua completamente vago e confuso em alguns pontos, visto que se for analisar as normas dentro da gramática prescritiva, podemos encontrar alguma incoerência ou contradição, no que diz respeito aos conceitos dos fenômenos linguísticos, visto que é o indivíduo que manuseia a língua, o mesmo tem a liberdade de modificá-la quantas vezes quiser, em quaisquer situações de fala, permitindo sair da norma padrão que se tem (a que é ensinada justamente na escola) para uma variedade culta da linguagem, e com esta variedade culta é permitindo de fato alterá-la, modificá-la, sendo o indivíduo com seu ponto de vista criando o objeto, objeto este que é multifacetado.

Considerando a língua humana como um sistema heterogêneo e plural, ao empreender uma viagem pelo país, desde o norte até o sul, para explorar os modos de falar de cada região, notamos diferenças marcantes em aspectos sintáticos, fonéticos, semânticos, lexicais e pragmáticos. Embora existam similitudes, são as discrepâncias que se destacam, permitindo a classificação de cada modo de falar de acordo com sua região. Esse fenômeno constitui o estudo da variedade linguística no Brasil, um tema muitas vezes negligenciado nas

Levando em conta os estudos dos usos na nossa língua, é chegado ao questionamento do que se trata o estudo da gramática descritiva, e porque ela se opõe à gramática normativa na análise e principalmente, no

ensino em sala de aula, visto que a maioria da população brasileira, em geral alfabetizada, de certa forma consegue compreender a modalidade padrão e suas adequações na fala, mesmo que isso não seja perpassado para a escrita. Toda a população, a partir do nascimento, aprende primeiramente a linguagem coloquial na situação de fala, para partir para a linguagem padrão. Um gramático enquanto pesquisador da língua e suas variações, vai analisá-la a partir de seus usos em diferentes contextos e lugares, enquanto um gramático tradicional vai apenas considerar a forma fixa da construção das normas padrão da língua (o que é correto), e o que for externo não pertence à norma padrão, só existe no coloquial.

De acordo com Perini (2005, p. 37), um gramático tradicional ao analisar a frase: “(1) Os únicos três sobrinhos de Claudia moram juntos.” pode aprovar ou desaprovar com base no uso, mas nesse julgamento, todas as adaptações de fala são ignoradas. Se aprovada, considera-se em conformidade com a norma padrão, apenas por ter recebido aprovação de um gramático tradicional. Isso limita a aprendizagem sobre a língua, ocultando um objeto de estudo complexo, manuseado por diversas pessoas em diferentes lugares, cada uma com peculiaridades culturais, crenças, preferências, experiências sociais e linguísticas distintas. Portanto, é por meio da análise funcional da língua e de suas variações que a gramática descritiva se destaca.

Ao abordar a descrição da língua, estamos sugerindo uma análise abrangente da gramática e de como ela é examinada, estudada e aplicada em sala de aula. Nesse contexto, é possível explorar o ensino e a produção por meio da gramática descritiva, investigando como as expressões linguísticas e os diferentes falares contribuem para as variações linguísticas.

No senso comum, no que diz respeito ao conceito da língua portuguesa ou português, se refere a aquele ideal de pureza e perfeição, que ape-

nas os mais letrados ou escritores e poetas conseguiram e conseguem atingir, por isso é vista como uma língua “difícil”, ou disciplina “muito difícil”, e que o usuário da própria língua se atreve a dizer que não fala da forma “correta”. Revisitando o que foi analisado anteriormente, temos a norma culta da nossa língua, que deve ser estudada, analisada, descrita em detalhes junto com suas variações, tornando-a bem conhecida, com o intuito de se tornar enfim o que deve ser a base trabalhada e feita na escola, e a norma padrão, que é basicamente o que é imposto pela tradição gramatical. Revisitando Bagno, enquanto a norma padrão é um molde, como se fosse um modelo já pronto para usar, as variedades cultas são respectivamente vestidos prontos, com os quais você entra na loja, e escolhe qual melhor combina ou lhe convém.

Neste viés, pode-se concluir que são pouquíssimas pessoas tem acesso ou utilizam um único produto acabado e pronto de alta costura, resultando em poucos usuários que têm esse luxo de encomendar o modelo para usar, assim como existem pouquíssimos usuários da língua que são capazes de se apoderar da norma padrão e moldá-la, para transformá-la em um produto único e com um fim estético, enquanto a maioria das pessoas vão preferir obviamente comprar roupas já prontas, assim como vários usuários da língua vão manuseá-la para finalidades práticas de comunicação diária, que basicamente não terá nada a ver com o fim estético e padrão.

Por conseguinte, a língua terá sua forma totalmente heterogênea, se caso for considerar os falares de diferentes comunidades, regiões e estados do nosso país, visto que cada modo de falar terá uma característica e um modo próprio, teremos assim as variedades da língua. Por exemplo, se caso for considerar os falares de Recife ou Salvador por exemplo, é normalizado o uso do emprego da forma imperativa como forma verbal, referente à terceira pessoa: “venha cá”, “olha só”, “traz

isso”, “fala comigo”. Assim como, temos os usos dos pronomes-sujeito: na grande Recife temos o uso frequente do “TU”, o qual seguindo a norma padrão da gramática tradicional, levaria em conta as formas imperativas em segunda pessoa; enquanto no Rio de Janeiro ou em São Paulo, é utilizado o você, no qual levando em conta a gramática tradicional, deveria ser usado juntamente as formas imperativas em terceira pessoa. Com isso, já se percebe uma grande distância do que se fala e do que se faz com a língua, a partir de uma perspectiva descritiva, e o que a gramática tradicional cobra dos usuários (Bagno, 2002).

Ao explorarmos a análise mais aprofundada dos fatores que categorizam o falante, como idade, sexo, escolaridade e origem geográfica, entramos no âmbito da Sociolinguística. Essa disciplina se dedica a estudos que evidenciam a mutabilidade e variação da língua, influenciadas por fatores temporais, espaciais e sociais. Assim, a compreensão científica e descritiva das diversas estruturas e formas linguísticas não pode ser limitada a um único padrão fixo, resultando tanto do aprendizado ao longo da vida quanto do ensino escolar.

Ao abordar o ensino tradicional, a definição de sujeito como “um ser sobre o qual se faz uma declaração” revela uma visão limitada das funções do sujeito, negligenciando seus contextos, características morfológicas, sintáticas e semânticas. Ao analisar o enunciado “Nesta sala cabem duzentas pessoas”, a perspectiva tradicional identificaria “sala” como sujeito, mas uma análise linguística mais aprofundada reconheceria “duzentas pessoas” como o verdadeiro sujeito, sendo o termo sobre o qual o verbo concorda ou incide a predicação da oração (Bagno, 2007, p. 67).

Desse modo, encontramos algumas dificuldades na compreensão das definições trazidas pela gramática tradicional, as quais moldam nossa forma de analisar certos enunciados. É válido ressaltar, que é

importante considerar o estudo da gramática tradicional para entendimento da língua, porém não se pode aplicar este estudo como uma única forma de teoria linguística válida para compreensão do estudo sobre como funciona nossa língua, tampouco como pilar adequado e de base para o ensino escolar.

Abordagem contrastante: prescritivo VS descritivo

A língua nas suas grandes variações e manifestações, as análises trabalhadas não serão feitas em frases, enunciados ou palavras reclusas de formas isoladas, sem levar em conta os contextos utilizados. Seja toda, e qualquer manifestação da língua, seja ela escrita ou falada, é necessariamente um texto sendo expresso. É a partir do texto que toda linguagem humana parte, justamente porque é no texto o principal foco da interação conjunta, seja de forma variável ou invariável. Entretanto, a gramática tradicional se restringe a analisar frases orações ou períodos isolados, recuando o que há de mais fascinante, interessante e mágico dentro da linguagem para que se possa compreendê-la.

Além disso, cabe ressaltar que a gramática tradicional se preocupa exclusivamente com a linguagem literária escrita, com isso, todo o resto fica totalmente esquecido: o mundo da língua falada, com todas as suas posições, manifestações, especificidades e sua grande autonomia. Todo ser humano, enquanto ser humano em sociedade, fala mais do que escreve, e isso seja qual for sua ou escolaridade (letrado ou analfabeto). A língua é manuseada e modificada justamente no falar, não na escrita. Escrever obviamente é importante, e isso vem em uma crescente em nossa sociedade contemporânea, porém é válido verificar que este conhecimento é de outra natureza, assim como pilotar um avião, fazer tricô, aprender a dançar balé.

O ser humano não nasce sabendo das coisas, o conhecimento advém do estudo prolongado e consciente, até mesmo do contato, conversação, e do condicionamento mental e físico. Dito isso, é imprescindível nos estudos escolares, estudar e compreender a língua apenas em sua modalidade escrita, ou até mesmo na escrita literária, que é um uso estritamente pequeno da língua escrita, e que por si só é um estudo pequeno da língua (Bagno, 2007).

Ademais, a partir de uma abordagem prescritiva da língua dentro da sala de aula, tem – se a perspectiva que tudo que escrever e principalmente, o que falar, se fugir da forma de ensino tradicional da língua, está errado, e por isso ocorre sempre um policiamento (por parte até de alguns docentes) em sempre corrigir a fala dos alunos, até em locais fora da escola. Tudo isso resulta simplesmente da abordagem restrita do ensino da gramática tradicional, o que limita a visão da riqueza linguística. É por isso, que há um tempo atrás, a ciência linguística trouxe as questões de variação e mudança para que se possa abandonar essa noção do “erro” dentro da gramática. Enquanto na forma tradicional temos um estudo da construção da língua como um objeto que é estável, homogêneo e não é passível de modificação, a linguística vai reconhecer como um objeto que é heterogêneo, variável e mutante, que está ligada à realidade social de diferentes locais, regiões ou comunidades, e aos usos que os falantes fazem da mesma. Vivemos em uma sociedade plural, multifacetada, com isso, temos como resultado uma língua plural e multifacetada também.

Ao contrário da abordagem prescritiva, que preconiza uma única forma correta de dizer e escrever palavras, a linguística revela que todas as expressões verbais têm uma estrutura gramatical, seguem regras e apresentam uma lógica consistente tanto na fala quanto na escrita. Isso é conhecido como abordagem descritiva, muitas vezes

negligenciada nas salas de aula. Como destacado por Bagno, nada na nossa língua acontece por mero acaso (Bagno, 2007).

Aplicações práticas da gramática descritiva

Se o foco é abordar o ensino descritivo da língua na sala de aula, é possível começar contextualizando as mudanças linguísticas ao longo do tempo. Dessa forma, podemos explorar as variantes presentes nos diferentes países lusófonos, considerando que o português, assim como outras línguas ocidentais modernas, passou por uma relativização a partir do latim. Além disso, incorporou empréstimos do latim clássico, conhecidos como latinismos, como é o caso do uso do pretérito mais que perfeito, que tem origens na sintaxe latina.

Na construção da oração principal e na subordinada para expressar hipótese, como por exemplo, no verso da obra *os lusíadas*¹: “Se mais terras houvera, lá chegara”, em vez de “se mais terras houvesse, lá chegaria”. A partir disso, pode-se observar uma grande influência no que diz respeito ao nosso vocabulário português, a partir da língua latina, seja na parte morfológica, sintática ou até mesmo semântica. Em vista disso, a língua vem se alterando e se reconstruindo ao longo do tempo, seja de contatos linguísticos de outros povos com povos nativos, seja com a influência da própria língua falada dos próprios povos nativos com as dos colonizadores, resultando nas mudanças linguísticas e variações que existem dentro do nosso país, seja do Norte ao Sul.

A gramática descritiva vai abordar justamente os usos da língua e seu contexto em questão. Em vista disso, não será fora da realidade

1. Obra épica que descreve as viagens dos portugueses comandados por Vasco da Gama, que navegaram para as Índias. Além disso, é um tributo ao povo português e sua expansão marítima ao longo dos descobrimentos.

um docente, a partir do falar dos alunos, trazer exemplos de como a nossa língua vem se alterando, e que nem tudo que é considerado “errado” diante do uso oral, é errado de fato, são apenas heranças lexicais da língua que influenciou na evolução da nossa. Por exemplo, tem-se um uso muito recorrente no nosso falar, que seria a troca do “l” pelo “r” em algumas palavras ou frases que costumeiramente, sempre estamos falando em nosso cotidiano, e isso com certeza não vai fugir de uma realidade de uma sala de aula, a partir da conversação dos alunos. Em palavras como “frô”, “pranta”, “craru”, as quais são “flor”, “planta” e “claro”, que sempre escorregamos e acabamos falando dessa forma, ou em situações menos formais.

Em muitos locais do nosso país essa forma de falar é muito recorrente, em regiões como o Nordeste por exemplo. Ao fazer um estudo mais a fundo, vê-se que isto é uma herança fonética ainda de tempos renascentistas, tendo em vista que autores como Camões, em sua obra “Os lusíadas” encontramos formas como “frauta”, “frecha”, “inglês”, “pranta”. Neste fenômeno ao qual chamamos de rotacismo, é muito recorrente em nosso linguajar, e por muitas vezes é considerado errado na própria situação de fala, onde em tempos mais remotos, era considerado uma “normatização” pelos gramáticos renascentistas.

Ainda se tratando do Nordeste, em regiões do interior por exemplo, podemos encontrar o uso muito recorrente de palavras que em sua fonética, ocorre a substituição da letra “v” pelo “b”, como “barrer – varrer”, “bassoura – vassoura”, as quais são também resquícios da própria fonética histórica, no qual era normal no que diz respeito à escrita e a oralidade galega portuguesa.

Podemos também citar o uso do pronome “ele” como objeto direto, no qual antes era considerado culto porque ia de acordo com a gramática latina, ou seja, a variação no uso dos pronomes era tida como

natural, nem um pouco problemática. Com a padronização da linguagem influenciada pela gramática, a função do pronome “ele”, ficou escanteada à função de sujeito, enquanto o pronome “o” ficou tendo o papel de objeto direto. Porém no nosso falar, é muito recorrente o uso do pronome “ele” como objeto direto, e cumpre muito bem com o propósito comunicativo, pois se trata de um uso bem recorrente, que algumas vezes (ainda que pouquíssimas) podemos encontrar tais usos em textos escritos mais formais, até mesmo com o exemplo do pronome relativo “onde”, e isso se refere em qualquer variedade da nossa língua. Em vista disso, de acordo com Perini, ao analisar as seguintes sentenças:

“(1) A tarefa de lançar as bases da nova gramática é muito longa e complexa; devemos, portanto, deixá-la para a próxima semana”

“(2) A nova gramática do português, ela vai ser muito difícil a gente escrever. Melhor a gente deixá-la pra semana que vem.” (Perini, p.23, 2005).

Verificamos que neste primeiro exemplo, foi retirado de um texto já revisado e escrito, enquanto no segundo é a descrição de uma fala. Observamos também que, no plano de organização gramatical, estão postas de maneira diferente. Em outro olhar, em textos mais formais, ou técnicos, não se encontra com tanta frequência o pronome “ela”, como objeto direto: “deixar ela”, ou até mesmo a forma “pra” enquanto uma contração de p(a)ra +a (pra = para a - semana que vem).

De acordo com o propósito comunicativo, se cumpre muito bem as duas sentenças, mesmo a segunda fugindo do que prega a gramática tradicional. A partir disso, podemos verificar que tanto o modo padrão quanto o modo mais coloquial, apresentam por si só variações heterogêneas dentro de sua construção, visto que com a imensidão de variedades da língua, e isso vai partir do social, regional ou infor-

mal, cada indivíduo vai escolher qual palavra utilizar em seu diferente contexto. Diante destes usos, o olhar descritivo da língua vai analisar as situações de fala e até mesmo as escolhas lexicais, para defender que seja qual for a forma de uso, a sentença vai cumprir com o propósito comunicativo dos falantes, e obviamente, vão existir situações de adequação e inadequação da linguagem, seja diante de variações e tratamentos como “guria – menina – garota”, todas remetem a um único sentido: a uma pessoa jovem do sexo feminino. Seja a partir das variações da fonética de algumas palavras, como “portu (com o retroflexo)” ou “posto (com chiado)”, todas possuem no fim, o devido significado, de acordo com o propósito comunicativo, e toda essa questão de divergência fonética, vem desde tempos de colonização e primeiros contatos linguísticos. Justamente por isso, que a nossa língua muda, estando em constante evolução e mudança. E de maneira nenhuma, deve se desconsiderar os usos e as imensas variedades que existem e renascem dentro do nosso país, pois falar diferente não é errado, é só puro preconceito linguístico.

Variações linguísticas na Língua Portuguesa

Referente ao que já vem sendo discutido, a língua portuguesa está inserida no grupo das línguas românicas, também conhecidas como neolatinas. Sua origem remonta às transformações ocorridas no latim vulgar, uma forma popular e cotidiana do latim clássico utilizado pelos romanos. Para alcançar esse estágio, um processo gradual se desenrolou, com estudos prévios sobre regras gramaticais realizados por filólogos, que se basearam em suas observações sobre os escritos de grandes autores clássicos, os quais serviram de modelo para aqueles que, dali em diante, desejavam escrever obras literárias em grego.

Foi nesse contexto que nasceu a palavra “gramática,” de origem grega, significando exatamente a arte de escrever (Bagno, 2004, p. 17). Posteriormente, com o avanço dos estudos e a descrença na ideia de uma régua universal que pudesse medir o que está reto e corrigir o que não está correto (Bagno, 2004, p. 18), a língua portuguesa passou por uma evolução complexa. Existem duas passagens importantes, que foram: a queda do Império Romano no século V, onde ocorreu uma partilha linguística, e as variedades locais do latim vulgar começaram a se diferenciar e se expandir; o segundo se refere à Península Ibérica, em que essas mudanças deram origem ao galaico-português, que foi a partir daí que o português foi se formando.

Com esse acontecimento, surgiram as variações linguísticas dentro das regiões lusófonas, fazendo parte de um fenômeno complexo e multifacetado, principalmente no que diz respeito às regiões que compartilham a mesma língua, o português. Depois, surgiu a CPLP² onde são países que possuem o português como língua oficial, mas não a língua materna, visto que nesses mesmos países, existem várias outras línguas conforme a região, ou seja, “o português é a língua oficial embora não sendo a língua da maioria dos cidadãos membro da comunidade, especialmente nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)” (Timbane e Quiraque, 2019, p. 65).

No século XVI, durante a expansão marítima portuguesa, a disseminação da língua portuguesa ocorreu em diversas regiões do mundo, notadamente na América do Sul. Nesse contexto, o português incorporou palavras de várias culturas, enriquecendo seu vocabulário e dando origem ao português brasileiro. Durante o período de colonização, os indígenas resistiram à imposição da cultura europeia pelos jesuítas,

2. Significa Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Uma organização internacional que reúne países onde o português é a língua oficial.

mantendo sua própria cultura perante a opressão e preconceito. Dessa forma, contribuíram significativamente para a variação linguística do português brasileiro, influenciando nomes de plantas, animais, alimentos e locais geográficos.

Os africanos, trazidos durante a escravidão para trabalhar nas plantações dos portugueses, como açúcar e café, deixaram uma marca profunda na cultura linguística brasileira. Sua influência se estende pela música, dança, religião, expressões artísticas e vocabulário, especialmente em relação a alimentos, festividades e práticas culturais, como samba, candomblé e carnaval. Esses breves contextos históricos representam não apenas resiliência, mas uma contribuição fundamental para a formação cultural e social do Brasil. Por isso, concordamos com Bagno (2009)

[...] toda manifestação linguística é um fenômeno que merece ser estudado, é um objeto digno de pesquisa e teorização, e se uma forma nova aparece na língua é preciso buscar as razões dessa inovação, compreendê-la e explicá-la cientificamente, em vez de deplorá-la e condenar seu emprego (Bagno, 2009, p. 34).

Assim, é relevante examinar os dialetos que apresentam divergências entre o Brasil e Portugal, países que compartilham uma história desde os tempos coloniais. As variações fonológicas e fonéticas entre o português falado no Brasil e em Portugal indicam a evolução independente dessas variantes ao longo do tempo, evidenciando distinções notáveis nos vocabulários, formas de tratamento e sotaques regionais. Esses aspectos fundamentais serão abordados de maneira concisa a seguir.

- Vocabulário: Portugal – autocarro; Brasil – ônibus.

- Formas de tratamento: Portugal - “o senhor”, “a senhora” são pronomes de tratamento formal; Brasil – você é pronome informal

- Os sotaques: Portugal – lisboeto, havendo uma troca fonética entre o “s” com o “x” – estas – extas; Brasil: Os cariocas, por exemplo, reduzem o “r” no final das palavras, em “Lugar” pronunciado como “lugá”, além da redução do “o” como em bonito” e pronunciam o “s” como “x” com entonação melódica -, ônibus como “ônibux”

Ao analisar esses exemplos, torna-se evidente que cada país apresenta suas próprias particularidades linguísticas, mesmo compartilhando o mesmo idioma. Isso ocorre porque são os falantes que, como seres vivos socialmente interativos, moldam a língua de acordo com suas condições. Nesse contexto, destacam-se elementos como sotaque, pronúncia, estilo e caligrafia, que revelam a variante ou variedade do falante, escritor ou sinalizador (Timbane e Quiraque, 2019). Assim, cada indivíduo manifesta sua variação linguística de maneira única, influenciada por sua cultura, política, economia e educação, todos contextualizados em seu local geográfico. Esses elementos culminam na identificação da língua como uma expressão de identidade social, refletida no discurso do falante.

Dessa forma, a diversidade linguística em relação à língua portuguesa é crucial por diversas razões, especialmente ao considerar a reflexão sobre a diversidade histórica e cultural presente nos países e regiões lusófonas. A língua, sendo dinâmica e multicultural, agrega diversas formas de expressão que tornam sua representação mais realista. Portanto, a gramática descritiva serve como ponto inicial para analisar a variação linguística que está presente de forma única a partir das vivências dos falantes já que essa gramática procura documentar características reais, uma vez que é importante compreender a história linguística proporcionando assim, um entendimento e conhecimento mais profundo da língua e suas evoluções durante o tempo bem como, as influências culturais em identidades e raízes linguísticas.



○ ensino baseado sob a perspectiva da gramática descritiva

A princípio, é válido destacar como o ensino da gramática no estilo normativo pode perpetuar estigmas linguísticos no aluno, uma vez que pode barrá-lo de exercer o seu conhecimento linguístico sob uma perspectiva crítica e analisadora da língua e seu discurso. O ensino de gramática nas escolas é adotado pelo lado normativo e prescritivo, o qual traz regras gramaticais ao ponto de ter a “decoreba”³ ou a disciplina ser a “mais chata de todas”, trazendo para a própria língua dos alunos/usuários uma redução ao ponto de ser deixada de lado. Podemos dizer que, com a normatização gramatical, não são trabalhados de fato textos que correspondam ao nível social e pessoal do aluno.

Além disso, para alguns da sociedade, não tem a mínima importância estar presente no ensino, ou seja, a sociedade ainda tem um olhar arcaico sobre o modo como a língua portuguesa deve ser ensinada nas escolas, sendo apenas com aprendizagem redundante e não aprofundada, como por exemplo, trazer recursos extralinguísticos ou a ideia de que quem escreve bem, fala bem.

Assim, alguns linguistas apontam críticas à condução do ensino-aprendizagem do português nas escolas brasileiras, especialmente em relação à discrepância entre o ensino da língua culta e a variação linguística. Esse enfoque afasta os alunos do estudo efetivo da língua, resultando em duas consequências:

o aluno fica bloqueado em sua expressividade, oral e escrita, dentro e fora da escola, ou, tateando, é possível que adquira alguma familiaridade com o nível culto escrito da língua, mas muito su-

3. Expressão informal que geralmente é usada para descrever o ato de decorar algo de forma mecânica, sem necessariamente entender o conteúdo.

perficial [...] assim como o aluno pode sentir vergonha de usar no meio “culto” sua própria variedade linguística, não fica também à vontade em forçar naquele e seu meio social um nível de língua que de fato não incorporou. (Santos, 2004, p. 45)

Além disso, ainda existem muitos professores que adotam o ensino da língua de forma mais restrita. No entanto, esses mesmos estão inseridos em um sistema educacional em que são colocados apenas para cumprir o que é exigido, ou seja,

[...] o objetivo das aulas de língua na escola não é só “ensinar português”, mas simplesmente, e eu diria até obsessivamente, ensinar uma nomenclatura tradicional. Assim, em vez de ensinar/estudar um universo enorme e rico, que é a língua portuguesa, a escola se dedica quase exclusivamente a ensinar um pedacinho ínfimo e miserável desse universo. (Bagno, 2002, p. 56).

Diante disso, o aluno não aprende e não toma conhecimento de outra visão mais crítica sobre a língua, pois não possui a base de uma boa educação. Essa limitação não está vinculada à escola, mas sim à falta de liberdade para explorar seu mundo linguístico e suas interpretações intertextuais. Isso ocorre devido à implementação do ensino com recursos mínimos, que leva o aluno a vislumbrar apenas uma pequena parcela de um corpo linguístico tão dimensional, resultando na ausência de evolução em seu letramento. A restrição ao acesso e exploração de suas habilidades na escrita e leitura contribui para um contato mais frequente com nomenclaturas tradicionais, por meio de exercícios gramaticais que apresentam questões com frases desprovidas de embasamento e estruturas contextualizadas.

Ainda nesse viés, é válido discutir como os professores agem em relação à gramática dentro da sala de aula. O professor não deve entrar

na sala de aula com a expectativa de que os alunos já saibam algo sobre a disciplina, mas sim criar expectativas nos alunos para se interessarem em estudar o português e suas complexidades, que não se limitam apenas a decifrar códigos normativos.

Nessa situação, Perini (1997, p. 49-52) faz um diagnóstico sobre a metodologia aplicada pelo professor e sugere sua remodelação de acordo com as dificuldades dos alunos, aproveitando situações que revertam a percepção de que a gramática é algo difícil. Afinal, a gramática não precisa ser mais difícil do que outros estudos científicos (Perini, 1997, p. 48). O autor propõe um diagnóstico e afirma que o ensino da gramática está equivocado, começando pelo objetivo imposto à disciplina.

O professor muitas vezes impõe ao aluno que ele deve escrever e ler melhor, contanto que basta conhecer as regras gramaticais. No entanto, é válido ressaltar que não é necessário dominar a gramática para escrever bem na norma-padrão. Basta ter conhecimentos prévios adquiridos por meio da leitura, espaço na sala de aula e a prática do pensamento cognitivo, já que a prática leva à perfeição.

É mais preferível afirmar que é na leitura que se adquire a habilidade de escrever bem, e a prática da leitura é uma das ferramentas que podem e devem ser oferecidas nas escolas pelo corpo educacional e pelos próprios professores. Além disso, como argumenta Perini (1997, p. 50), “quando justificamos o ensino da gramática dizendo que é para que os alunos venham a escrever (ler, ou falar) melhor, estamos prometendo uma mercadoria que não podemos entregar”.

Deve-se reconsiderar por parte de muitos professores, tanto antigos quanto atuais, a ideia de que apenas por meio da gramática o aluno pode ler e falar melhor, desvalorizando assim sua participação como corpo social, que faz parte de um conjunto definido pela variação linguística ou até mesmo por uma cultura linguística que permeia a sociedade.

Quando se fala em metodologia, logo se pensa dos métodos pedagógicos envolvendo professor e aluno, que infelizmente tem suas nuances e falhas sistemáticas. Afinal, deve haver uma troca de perguntas e respostas entre professor e aluno, que por meio disso, há um conhecimento do professor sobre a melhor maneira de se trabalhar com a turma, visto que métodos precisam ser adequados à situação contextual, seja social, ou cultural que a sala apresenta.

Portanto, não é preciso uma sala de aula, no momento da aula de língua portuguesa, ser regida de regras a serem obedecidas. Segundo diz Perini (1997, p. 51) “o professor diz que o futuro do subjuntivo do verbo ver é quando eu te vir amanhã... O aluno sabe muito bem que ninguém fala assim; todos dizemos quando eu te ver... Em outras palavras, o que o professor está ensinando não condiz com o que se observa na realidade”.

Essa realidade que é citada, é sobre a realidade que vinha sendo discutida logo acima, a realidade de vida do aluno. Mas claro, não é errado o professor chegar numa aula e o conteúdo ser sobre verbos, mas ensinar ao aluno que nem sempre se deve usar uma linguagem tão formal e que há situações no qual são necessárias, ou seja, é importante o professor impor no aluno que primeiro vem sua linguagem, para depois reaplicá-la de uma forma mais culta para uma situação na qual o mesmo deve ter a escolha de usar.

Com isso, será posto para o aluno, uma perspectiva diferente do que a língua portuguesa abrange e abraça, não só a norma culta, mas todas as variações linguísticas que fazem parte de uma vivência dos falantes e que estão mais presentes na sociedade.

Ainda nessa linha de raciocínio, é válido mencionar que a diversidade linguística é crucial ao fazer parte da educação, na qual enriquece o ambiente escolar por meio das várias formas que se pode trabalhar

a respeito da língua, promovendo então, uma inclusão entre alunos e professores, na qual seja permitido uma valorização linguística entre eles, pois, é efetuado um acolhimento dentro de um ambiente que abriga diferentes contextos sociais. É importante estudar a língua como ela é pelo simples fato de torná-la ainda mais palpável e tocante perante os falantes, pois,

a língua não é uma abstração: muito pelo contrário, ela é tão concreta quanto os mesmos seres humanos de carne e osso que se servem dela e dos quais ela é parte integrante. Se tivermos isso sempre em mente, poderemos deslocar nossas reflexões de um plano abstrato – a “língua” – para um plano concreto – os falantes da língua (Bagno, 2002, p. 18).

Para isso, é importante que a educação promova para os alunos e professores, um conjunto de abordagens educacionais que auxiliem na desconstrução do pensamento arcaico sobre o que concerne das aulas de língua portuguesa e sobre o ensino tradicional, para no final contribuir para o crescimento da diversidade linguística dentro da escola, como por exemplo, meios eventuais que destaquem as culturas que são associadas a língua como feiras de livros que reúnem autores e editoras diferentes, proporcionando um englobado de obras escritas que contribuem na cultura linguística; projetos linguísticos que estudem as evoluções linguísticas de uma determinada língua, e auxilie os alunos a explorarem a história da língua e suas mudanças ao longo do tempo, afinal, é necessário que o aluno saiba as raízes linguísticas; contatos por meio de palestras e programas que aproximem os alunos de membros da comunidade que são os maiores responsáveis pela pluralidade linguística de uma determinada região, na qual contribuirá nas experiências linguísticas e culturais do aluno.

Essas práticas mencionadas podem promover uma inclusão linguística que são capazes de transformar dentro da educação, um entendimento a respeito das diversas linguagens presentes em uma comunidade social e escolar, ou seja, os alunos saberão o que há por fora da escola e do que vai além de regras gramaticais, já que com o avanço dos estudos linguísticos têm revelado que não existe erro em língua, mas existem formas de uso da língua diferentes daquelas que são impostas pela tradição gramatical (Bagnó, 2004, p. 25). Portanto, esses eventos e projetos aprimoram as habilidades dos alunos em relação à língua, e também os envolvem em experiências linguísticas seja em contexto social ou cultural.

Considerações finais

A língua é uma ciência, e assim como a própria ciência, a mesma está em constante mudança, e todos os dias se descobre e redescobre informações sobre ela, através dos estudos linguísticos. Este objeto científico é modificado justamente pelo sujeito dono e criador do discurso: o indivíduo. A língua muda, possui múltiplas facetas e está em constante evolução, e quem é responsável pelas mudanças somos nós mesmos, pois é a partir do nosso ponto de vista que criamos e modificamos este objeto tão complexo.

A partir disso, é necessário trazer esta perspectiva para o ensino dentro da escola, que é o ambiente de formação do indivíduo, e o primeiro contato que o mesmo possui com o aprendizado do falar e da escrita “correta”. Até onde sabemos e aprendemos dentro da escola, é que a disciplina de língua portuguesa traz leitura, escrita, e normas referentes a própria linguagem, seja em como falar e escrever bem. Se caso fugir disso, está falando e fazendo errado. Poucas são as escolas e

docentes que decidem abrir mão do ensino baseado na gramática tradicional, para assim partir para a compreensão de uma gramática mais descritiva, na qual partirá dos próprios usos da fala, ou até mesmo de situações específicas, para se compreender como de fato é a nossa língua, e como ela se organiza, até chegar à compreensão de como funcionam as formas variadas dela por todo o nosso país.

Com uma melhor formação linguística para com os alunos, seja a partir das situações de usos da linguagem, tem-se um conhecimento explicitado da estrutura da própria língua, não apenas de seu uso correto, e isto se torna uma grande faceta extremamente importante de conhecimento da própria nação. Desde épocas românticas na arte, que o brasileiro busca preservar sua própria cultura o amor-próprio nacional, seja em obras, poemas, e até mesmo na própria arte visual, então não se pode fugir de estudar a nossa língua que falamos, que escrevemos, em seus muitos aspectos: históricos, sociais, dialetológicos e também gramaticais, tendo em vista que isto é um território bem mal explorado.

Essa abordagem proporciona, não somente uma compreensão técnica das diferenças linguísticas de cada lugar, mas também promove um respeito em relação à diversidade linguística existente em nosso território brasileiro. Ao estudar e pesquisar (seja por uma perspectiva diacrônica ou sincrônica) a língua e seus diferentes sotaques, expressões e peculiaridades linguísticas de diferentes povos e comunidades, os alunos se tornam mais capazes de interagir e se comunicar em ambientes diversos e em situações diversas, tornando uma preparação mais inclusiva e enriquecedora.

Em vista disso, o ensino do fazer de fato a gramática dentro da escola, pode ser um meio pelo qual os alunos crescerão e libertarão intelectualmente. Estudar gramática sob a ótica descritiva é parte da formação científica dos alunos, pois tem-se uma descrição, interpretação e compreensão de um aspecto e uma ciência do universo social que nos cerca, assim como é um corpo de conhecimentos que está em constante revisão, sendo

sujeita a críticas, acréscimos ou retiradas. É preciso fazer gramática, não a aprender, e a noção do “erro”, existe apenas para uma visão mais restrita e pequena da nossa língua, que é, portanto, uma ciência multiplural.

Referências

BAGNO, M. Língua materna, letramento, variação e ensino. In: *A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística*. São Paulo: Parábola, 2002, p. 13-80.

BAGNO, M. *Português ou brasileiro? Convite à pesquisa*. 4ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, M. *Não é errado falar assim!*. São Paulo: Parábola, 2009.

PERINI, M. A. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Editora Ática, 2005.

SANTOS, J. Letramento, variação linguística e ensino de português. *Língua-gem em discurso – LemD, tubarão*. v.5, n.1, p.119-134, 2004. Disponível em: portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/. Acesso em: 13 dez de 2023.

TIMBANE, A. A. QUIRAQUE, Z. A. S. *Língua ou línguas portuguesas? A variação linguística e ensino nos países lusófonos*. In book: Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade. Etena Editora, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/331052970>. Acesso em: 13 dez de 2023.

Recebido em: 20/01/2024

Aprovado em: 21/03/2024

Licenciado por

